converso COMUNICAÇÃO

CLIPPING	
O TEMPO	BELO HORIZONTE
MAGAZINE	MEMÓRIA
18/04/2017	PAG. 3

AMANDA MENDES / DIVULGAÇÃO



Coletivo. Após defender seu mestrado sobre a obra de Isael e Sueli, a pesquisadora Andriza Andrade dança com as mulheres da aldeia

conceito. Tem criança que tem medo da gente por causa das histórias que contam sobre nós. E por isso os filmes têm que ser mostrados nas escolas, porque é a gente mostrando nossa história, e porque dali vão sair alunos formados para fazer direito, antropologia, e assim o conhecimento vai sendo passado. Já perguntaram porque o Maxakali sai da aldeia e vai para a cidade, mas eles (os não índios) têm que entender que ali também era nossa terra. Ali também era aldeia", lembra.

Como ocorre com a maioria dos indígenas que tem acesso ao ensino superior, o conhecimento acadêmico adquirido geralmente é aplicado em suas respectivas comunidades. É o caso de Isael e Sueli que, além de produzirem, filmarem, dirigirem e roteirizarem os filmes, também ensinam a outros membros da aldeia as técnicas de filmagem e a produção de vídeos. Isael é formado em educação intercultural indígena pela UFMG. Ele é professor em sua aldeia, além de ser vereador de Ladainha.

LINGUAGEM. Todos os filmes são feitos na língua Maxakali e, posteriormente, legendados para português, espanhol e inglês, já que são exibidos em vários cantos do mundo em festivais e mostras de cinema, além do Brasil. Mas, quando se fala em linguagem, não se trata apenas de idioma. Se trata da maneira de apresentar o registro, como no filme "Konãgxeka: O Dilúvio Maxakali" (2016), uma animação sobre o dilúvio na visão dos Maxakalis (*leia mais abaixo*), feito em parceria com Charles Bicalho, da produtora Pajé Filmes.

> "O não índio tem que entender que a cidade também era nossa terra. Ali também era aldeia."
>
> **Sueli Maxakali**

A produtora, aliás, começou em 2008, um ano depois que Isael e Sueli iniciaram seus trabalhos como cineastas, após as aulas de audiovisual com Bicalho, feitas justamente para abarcar essa produção. "Em 1996, não havia quase nenhum material sobre os Maxakalis, exceto algo na literatura, e, agora, com esse meio de produção que eles já usam com propriedade, os registros, principalmente os sonoros, são muitos. A gente só tem a ganhar, porque ninguém conhece melhor essa realidade do que eles mesmos, por isso os filmes são muito ricos em termos de narrativa. Hoje em dia, na aldeia, quase todo mundo tem sua câmera ou filmadora. Há casos de ritual que não era praticado mais e, por causa da câmera, eles resgataram a tradição e voltaram a fazer", conta Bicalho.

A linguagem também se desdobra na forma como os Maxakalis veem o mundo. O ponto de vista bem diferente do não índio é poético, espiritual e ancestral. São ensinamentos passados pelos índios que já se foram e transmitidos dos membros mais velhos da tribo para os mais jovens. Para os indígenas, esses conhecimentos e rituais são sagrados, pois significam a própria sobrevivência.